

## Desidratação

A nefrologista Maria Letícia Cascelli detalha uma pesquisa que liga o número de internações por doença renal no Brasil ao aumento da temperatura. O trabalho foi pioneiro no estudo dessa interação a nível nacional. Quanto aos resultados, eles concluíram que para cada 1°C que aumenta, o risco de hospitalização cresce em 0,9%.

O risco é maior para mulheres, crianças de até quatro anos e idosos com 80 anos ou mais. Maria Letícia aponta que uma possível explicação para isso é que crianças têm uma menor termotolerância, devido à imaturidade dos sistemas fisiológicos, e os idosos, por sua vez, não sentem tanta sede.

E do contexto da pesquisa para a vida fora dela: como essa relação, de fato, se dá? A especialista responde que, com o aumento da temperatura, as pessoas suam mais. Sem ingestão adequada (e reforçada) de líquido, ficam desidratadas. A repetição dessa dinâmica pode acabar levando a injúria renal repetitiva, o que deixa o corpo propenso a desenvolver um problema crônico.

“Uma pessoa que trabalha cortando cana faz injúria aguda repetitivamente, por exemplo. Não pode descuidar da hidratação. Há mais chance de infecção urinária, complicações renais e, quem sabe, seja preciso até terapia renal substitutiva. Só que, como estamos em ambientes cada vez mais quentes, todos precisam intensificar a hidratação”, chama a atenção.

E mais uma vez provando que os impactos negativos não estão distribuídos de forma harmônica, as regiões Norte e Centro-Oeste do país foram apontadas como áreas mais críticas. A primeira, pelas altas temperaturas, a segunda, pelas secas.

De acordo com a especialista, o estudo tem suas peculiaridades metodológicas, mas serve, além da análise aquecimento global-saúde,

## RECORDES METEOROLÓGICOS

- Em junho de 2020, o Ártico bateu 38°C, na cidade russa de Verkhoyansk. Nesse mesmo ano, as temperaturas médias registradas estavam 10°C acima do normal na região.
- Estão sendo verificadas as temperaturas de 54,4°C no Vale da Morte, na Califórnia, medida em 2020 e 2021, e de 48,8°C na Sicília, Itália.
- O Kuwait, no Golfo Pérsico, registrou 53,5°C, em 2021.
- Segundo o Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), esta última década foi a mais quente no Brasil. Os anos de 2015, 2019 e 2016, nessa ordem, foram os mais quentes desde 1961.

para abrir os olhos para o despreparo do sistema de saúde. “Temos 7% da população com algum nível de doença renal crônica e, na população a partir dos 64, esse nível chega a 46%. São milhares de pessoas fazendo hemodiálise, e a verba dos tratamentos de saúde voltadas para esses casos não dá conta.”

## Medidas urgentes

Buscar soluções que integrem meio ambiente e saúde é com ele mesmo, Jorge Machado, que desenvolve projetos e iniciativas sustentáveis pela Fiocruz no Distrito Federal e em parceria com outras unidades regionais. Não que seja uma tarefa simples nem objetiva, mas desde a Eco-

92, a Rio-92, ele vem promovendo a discussão sobre impactos das mudanças climáticas, entre outras abordagens, na saúde da população.

Para ele, a mudança climática é uma emergência sanitária com a qual já convivemos: “Se é o fim da humanidade, deveríamos, naturalmente, nos proteger, produzir formas de convivência que não ameaçassem a própria existência na Terra”, afirma.

Entre as repercussões em termos de saúde, Jorge cita a poluição do meio ambiente e a degradação do ar que vem, com ela, como fonte de problemas cardíacos e pulmonares — um perigo, principalmente, para quem tem dificuldades respiratórias. A baixa qualidade de vida também leva indiretamente a uma dificuldade de reprodução humana. E engana-se quem pensa que os desastres “naturais” não mexem com a saúde. Muito provavelmente, a destruição causada por eles resulta em ruptura com o modo de vida de alguém ou de uma população inteira, muda a convivência e, ao pressionar os povos mais vulneráveis, tem consequências realmente catastróficas.

“As tensões e o sofrimento vividos nesse cenário todo mexem com a saúde mental. Em comunidades quilombolas e entre a população indígena, temos observado casos de suicídio, violência e depressão”, exemplifica.

E o corpo humano consegue suportar esses efeitos? A ação, na opinião de Jorge, precisa ser coletiva. Quando a saúde de todos está em jogo, promover o debate e estar aberto ao debate é o que realmente vale. “Você pode até ter uma conduta de racionalidade ecológica, como ser vegano, mas a pressão externa, de mercado e ordem econômica, influenciam muito. Há lugares em que precisamos equiparar a qualidade do sistema de saúde dos seres humanos aos dos bois, olha só. E, ao mesmo tempo, pensar em territórios saudáveis e sustentáveis” completa.



**CLUBE do assinante** ATÉ 50% DE DESCONTO  
CORREIO BRAZILIENSE

ASA SUL E TAGUATINGA

**CURSO DE FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE CLÍNICA**

CURSO DE FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE CLÍNICA, GRUPO DE ESTUDOS E PSICOTERAPIA

Opte pela melhor forma: Presencial ou On-line

61 3047-3677 / 996578-6062 [www.institutokalile.com](http://www.institutokalile.com)

ESCOLA DE PSICANÁLISE DE BRASÍLIA EPB

INSTITUTO kalile DE DESENVOLVIMENTO HUMANO